

A EVOLUÇÃO DA GRAMÁTICA *

Edson Alcantara — UFAL e CESMAC

Estudando a história da Gramática (do grego **Grammatike**, que é o estudo e o tratado dos fatos de uma língua e das leis que a regulam, sendo os sons seus elementos primordiais), podemos estabelecer uma divisão muito ampla, tomando como limite dessas duas faixas o desenvolvimento da lingüística. E como a lingüística se firmou com a publicação do **CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL**, pelos discípulos de Ferdinand de Saussure, torna-se forçoso reconhecer duas fases: a gramática anterior e a posterior aos ensinamentos do mestre de Genebra. Se o uso gramatical varia e evolui através dos tempos, é evidente que a gramática do português antigo não é a mesma do português hodierno, fato que, por si só, justifica um estudo de sua história.

Na fase anterior a Saussure, a gramática se caracterizava por ser Normativa, uma vez que se ditavam as regras para bem falar e bem escrever: daí encontrarmos ainda quem a defina como "um conjunto de regras", etc. Era baseada na língua escrita, apresentando exemplos de várias épocas, retirados de escritores de renome; conseqüentemente, não era científica. Seu estudo partia da regra para o exemplo, método que não mais encontra lugar na didática, por ser dedutivo. Patenteia-se a influência do conceito arcaico dos estudiosos, que atribuía à Literatura o mesmo valor de Gramática.

* Palestra proferida aos licenciados de Letras da Universidade Federal de Alagoas, em 1977.

Os estudos gramaticais foram cultivados na Antigüidade, tanto no Oriente, como no Ocidente, e floresceram em três grandes pátrias: Índia, Grécia e Roma. Os estudos gramaticais remontam a uma alta antigüidade. As gramáticas indus fizeram investigações rigorosas que se tornaram legitimamente célebres. Pännini foi o precursor no século IV A.C, escrevendo seu livro **BASHĀ** para os vedas, uma vez que a língua culta estava sendo influenciada pela ação dos idiomas populares. Pännini suspendeu essa evolução e registrou as regras da língua culta. Embora ele afirme, em seus trabalhos, que teve 64 predecessores, os estudiosos confirmam-no como o primeiro gramático universal, por não ter sido localizado um só desses possíveis predecessores.

Os gregos fundaram a Gramática Ocidental, cujo ensino exerceu forte influência sobre toda a literatura gramatical. Foram os sofistas e Platão, com o **Crátilo**, que valorizaram o estudo da Gramática, ocupando-se com a origem e formação das palavras. Seguiu-se o trabalho de Aristóteles, que analisava orações, dividindo-as em partes significativas (nome e verbo) e partes sem significação (artigos e conjunções), preocupando-se também com noção de caso, divisão de palavras e as diferentes partes do discurso. Aristóteles ligava estreitamente gramática e lógica. Seu trabalho foi continuado pelos estóicos, que se preocuparam principalmente com os casos difíceis dos poemas homéricos.

A gramática de Dionísio Thrax (grego, discípulo de Aristarco) foi escrita para as escolas de crianças romanas, no tempo de Pompeu, e é o ponto de partida de todas as gramáticas tradicionais. É, aliás, um irrefutável elemento que ratifica o anticientismo dos métodos utilizados na fase anterior a Sausurre, dada a inviabilidade de se ensinar em determinado país toda uma gama de costumes lingüísticos de outro país, já que línguas diferentes têm sistemas diferentes. Entende-se por Sistema um conjunto de elementos relacionados entre si, onde cada elemento tem um lugar e uma função. Por conseguinte, a intenção de aplicar o sistema gramatical de uma língua a outra equivale ao desconhecimento da natureza das línguas. Conclui-se que a gramática dos latinos foi uma simples tradução da terminologia dos gregos, sem nenhuma originalidade, portanto.

Outro filósofo, Protágoras, distinguiu os três gêneros e os modos verbais, enquanto Demócrito defendia que "o sentido das palavras é externo à palavra e incorporado a elas pelo falante". Os alexandrinos tiveram papel de destaque na evolução da gramática, quando se dividiram em duas escolas: a dos analogistas e a dos anomalistas. Os primeiros, cujo membro principal era Aristarco, sustentavam que entre a idéia e a palavra existia uma rigorosa lei de analogia, que não admitia exceções nas regras gramaticais; já os anomalistas, dos quais Crates de males era um dos exaltados

entusiastas, negavam a existência de regras propriamente ditas e só as admitiam, quando eram consagradas pelo uso. Crates de Males foi o autor da primeira gramática grega sistemática e escreveu também um ensaio de reforma da ortografia grega; este último trabalho mostra o seu interesse em tornar a língua mais simples e mais fácil, aberta aos povos. A disputa entre essas escolas durou até o Século II D. C. e se encerrou com a aceitação das idéias defendidas por ambas as partes. Para que possamos ter uma idéia de como estavam acirrados os ânimos, basta citar que os anomalistas chegaram a redigir uma lista de exceções e a consagrar a anomalia, a irregularidade, como a Lei Suprema da Linguagem.

O resumo dos estudos e das controvérsias dos gramáticos serviu de base à gramática de Élio Donato (**ARS GRAMMATICA**) e à de Prisciano (**INSTITUTIONES GRAMMATICAE**), que consistiram na máxima e única autoridade gramatical nas escolas da Idade Média. Merece louvor o trabalho de um excelente retórico latino, que escreveu aproximadamente na época de Élio Donato e Prisciano: em **INSTITUTIONES ORATORIAE**, Quintiliano condenou a tendência de seus contemporâneos de fazer da eloqüência "ofício de advogado".

E o que dizer da Gramática Portuguesa? Não podia deixar de ser totalmente calcada nos registros greco-latinos que a antecederam, como uma decorrência natural da construção do Léxico português: 80% da influência latina e 15% da presença grega, ficando o restante percentual sob custódia árabe, africana, tupi (uma das principais famílias lingüísticas dos índios brasileiros, falada no litoral pátrio até o século XIX), guarani e outras. A primeira de que temos conhecimento, surgida no século XVI, foi a do historiador quinhentista **JOÃO DE BARROS, GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA**, seguida do trabalho, de igual título, de **FERNANDO DE OLIVEIRA**, presbítero secular e professor de Retórica em Coimbra.

O século XVII pertenceu às gramáticas, quase unicamente puristas, desconhecedoras da história da língua e cheias de preconceitos filosóficos. Com o surgimento da **GRAMÁTICA DE PORTO REAL**, também chamada **UNIVERSAL** escrita por **ARNAULD** e **LANCELOT**, foi aberto o caminho para as gramáticas gerais, cujos autores se preocupavam com a descoberta dos princípios gerais e comuns a todas as línguas. Essa obra, escrita em 1660, notabilizou-se pela tentativa de subordinar as línguas a um tipo único, de conformidade com a lógica.

A descoberta do sânscrito, língua sagrada dos brâmanes, que os alemães chamam, com muita razão, de **antigo, indiano**, constituiu-se, já nos fins do Século XVIII, num acontecimento capital para a história da Gramática, em que pese ter sido uma língua es-

sencialmente literária e que, sem dúvida, nunca foi falada, com serventia apenas aos sacerdotes Índus: caiu imediatamente a gramática geral e surgiu a GRAMÁTICA HISTÓRICA E COMPARADA, que teve como fautores: Franz Bopp (nas línguas indo-européias), Jacob Grimm (nas línguas germânicas) e Frederico Diez (nas línguas românicas).

Patenteia-se neste trabalho a alusão aos acontecimentos mais importantes, pois reputamos a História da Gramática como infundável, hajam vista as naturais incursões a que estão sujeitos os idiomas. Merecem citação, ao encerrarmos as abordagens da fase anterior a Saussure, as mais importantes gramáticas, hoje verdadeiras raridades, além das anteriormente citadas:

1) **GRAMÁTICA DE CONDILLAC** (1756), obra-prima de análise; 2) **GRAMÁTICA COMPARADA** (do sânscrito, do grego, do latim, do zendá, do lituânio, do gótico e do alemão); 3) **GRAMÁTICA DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS**, de Frederico Diez, que demonstra a origem latina das línguas românicas. Foi completada pela Gramática de Meyer-Lubke; 4) **GRAMÁTICA FILOSÓFICA DA LÍNGUA PORTUGUESA**, de Jerônimo Soares Barbosa e 5) as **GRAMÁTICAS PORTUGUESAS**, de Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Augusto Epifânio da Silva Dias, José Joaquim Nunes, Ulisses Machado, Antônio José Reis Lobato, Adolfo Coelho e Antônio Augusto Cortesão.

O surgimento da Lingüística veio trazer novas luzes à Gramática; veio humanizá-la. Ao lingüista não interessa o certo-e-errado, mas a observação dos fatos existentes no idioma. Para ele não existem o desencanto dos tradicionalistas nem a euforia dos inovadores que têm em **quebrar o tabu** o seu tabu.

A Gramática depois de Saussure tem, como característica, os fatos de não ser Normativa e de possibilitar a aplicação do método experimental. Além disso, encara a língua como um veículo de Comunicação, palavra universal enfatizada pelo americano Marshall McLuhann, na sua **Teoria da Informação**. Os binômios Emissor-Receptor, Codificação — Decodificação. Meio Quente-Meio Frio, etc, são rabuscados em toda a sua intensidade, possibilitando um melhor conhecimento da língua. E estudando a língua como um Sistema, praticamente condena o ensinamento dos costumes lingüísticos de um país em outro país. As dicotomias de Saussure são igualmente observadas: LANGUE / PAROLE, SIGNIFICANTE / SIGNIFICADO, PARADIGMA / SINTAGMA. Individualizemo-las:

A LANGUE é o código de sinais, combinados entre si, convençionados: PAROLE é a realização particular do código. Supõe um processo articulatório e acústico. É codificar e decodificar. É, conseqüentemente, o que possibilita a validade das palavras de Jonh Dewey: "Os homens vivem em Sociedade em virtude das coisas que possuem em comum; e a Comunicação é o meio pelo qual chegam a possuir coisas em comum." SIGNIFICANTE é uma estrutura so-

nora analisável: SIGNIFICADO é o conceito, a mensagem: PARADIGMA é a troca de um elemento por todos os outros que a língua oferece: pata, data, lata, mata, etc.; SINTAGMA é a formação, a utilização de um mais outro fonema para a formação de uma palavra:

L mais A mais T mais A = LATA

A muitos parece estranho, senão pedantismo, a presença de galicismos ou a sua permanência entre os binômios devidamente traduzidos. Trata-se de uma conclusão a que chegaram os estudiosos, em virtude das mais descontraídas traduções que os enfocados termos receberam, gerando significados controvertidos. O binômio LANGUE / PAROLE é, pois intraduzível, constituindo um símbolo universal.

A Gramática passou a ser um estudo sistemático das estruturas lingüísticas em plano sincrônico. O sistema compreende vários subsistemas: fonológico, morfológico sintático e semântico. Alguns estruturalistas excluem este último dos subsistemas por acharem que esta parte pertence à Lógica e a Psicologia. Outros, porém, e GALICHET é um deles, defendem sua inclusão. Destaca-se Galichet por ser psicolingüista.

Outro ponto digno de destaque é que a Gramática leva em conta os diversos registros, ou níveis de língua, estabelecendo, ainda, a distinção entre FONÉTICA (que é o estudo físico do som) e FONOLOGIA (que é o estudo dos fonemas da língua, dos seus elementos distintivos).

E baseando-se na linguagem oral, abra maiores perspectivas para a melhor comunicação dentro de um mesmo território.

Com a evolução dos estudos lingüísticos, a Gramática ganhou a condição de ser científica, ou seja: experimental, passando a se dividir em cinco tipos: SINCRÔNICA (estudando a língua numa determinada época), DIACRÔNICA (realizando o seu estudo em várias épocas), PANCRÔNICA (fundindo os tipos anteriores; atingirá melhormente seus objetivos o estudioso que tiver uma visão pancrônica), ESTRUTURAL (apresentando o sistema de uma língua em subsistemas, que podem ser estudados isoladamente, como sistemas, portanto) e TRANSFORMACIONAL (procurando as orações básicas da língua e as transformações por que passam, para saírem da estrutura profunda e atingirem a estrutura superficial).

Percebe-se claramente neste sucinto despretensioso escrito a evolução dos estudos gramaticais e a grande abertura proporcionada para um mais bem sucedido ensino. Alguns autores já deram mostras de sua adesão às orientações saussureanas e publicaram os revolucionários resultados de sua sensibilidade. Noam Chomsky nos deu **STRUCTURES SYNTAXIQUES**; Leodegário Azevedo Filho veio com **PARA UMA GRAMÁTICA ESTRUTURAL DA LÍNGUA PORTUGUESA**; A ESTRUTURA MORFOSSINTÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA surgiu no Ceará, pelos esforços de Macambira; e no Pa-

raná, em sua Universidade Católica, Eurico Back e Mattos foram além ao esperado, trazendo a lume a **GRAMÁTICA CONSTRUTURAL**, que pode ser o sexto tipo de Gramática. É possível, pois o campo está aberto.

Os autores gramaticais, em sua grande maioria, permaneceram insensíveis ou perplexos, apesar das publicações de Mattoso Câmara e Silvio Elia, consideradas de grande importância para a transformação da gramática tradicional, a que se aliam **A GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA DA BAHIA** e **A DESCRIÇÃO DA NORMA CULTA**, trabalhos de Nelson Rossi, da UFB.

A indecisão tem sido altamente prejudicial, uma vez que impede o progresso dos estudos lingüísticos. Ainda encontramos exemplos gramaticais retirados da linguagem literária, de autores de escolas e de séculos diversificados, numa corroboração tácita de que "As escolas modernas investem mais e mais, preparando o estudante para um mundo que já não existe." (Lauro Oliveira Lima in **Mutações em Educação segundo McLuhan**)

Muito resta ainda a fazer. O primeiro passo a ser dado pelos professores de Língua Portuguesa será a tomada de consciência de que, sendo a língua um veículo de Comunicação e Expressão, tabus e preconceitos terão de dar lugar à renovação de métodos e de conceitos.